

OBSERVAÇÕES FITOSSOCIOLÓGICAS NO NOROESTE DO MATO GROSSO. IN
TERFLÚVIO DAS BACIAS DOS RIOS JURUENA, PARAGUAI E GUAPORÉ.

Messias Modesto dos Passos (*)

A área observada, está inserida na Chapada dos Parecis, com altitudes de 300-600 m. Trata-se, mais precisamente de um conjunto de morros na região das nascentes dos rios Guaporé (Bacia Amazônica) e Jauru - afluente do Rio Paraguai (Bacia Platina).

De maneira geral, essa região, a qual acho mais apropriado denominá-la "interflúvio das bacias dos rios Juruena, Paraguai e Guaporé", permanece ainda desconhecida. Mesmo as publicações do IBGE, relativas à Chapada dos Parecis, são na verdade considerações, resultantes da análise do mapa físico do Centro-Oeste na escala de 1:4.000.000 e dos mapas geológico e tectônico do Brasil, ambos na escala de 1:5.000.000.

Entre os autores que estudaram a Chapada dos Parecis, encontram-se SCORZA (1960), AB'SÁBER (1954). Esses autores, estudaram a região de Diamantino e minhas observações' estão mais a noroeste da Chapada, conforme assinalo no mapa.

Viajando pela Br 174, - partindo de Cáceres (118 m de altitude), às margens do rio Paraguai, em direção à cidade de Jauru (mais ou menos 400 m de altitude), a 30 Km, das nascentes dos rios Guaporé e Jauru (ambos tem nascentes num mesmo morro) -, depara-se com uma paisagem típica do Pantanal (baías, brejões, pântanos, aguapés, garças, marrecos, etc.). A aproximadamente, 100 Km de Cáceres, a topografia se eleva e a paisagem se altera completamente. Nas ondulações

(*) Professor Assistente do Departamento de Ciências Ambientais do Instituto de Planejamento e Estudos Ambientais - UNESP, Campus de Presidente Prudente.

topográficas morros e serrinhas - a cobertura vegetal é constituída predominantemente por angico e arueira, e, nas áreas de topografia mais suave predomina os cerrados, floristicamente bastante heterogêneos. Essa paisagem fitogeográfica se mantém na sua sinusia até o município de IV Marcos.

A partir daí, começa a aparecer espécies típicas da floresta tropical, sobretudo palmáceas - predominando entre elas uma palmeira, bastante copada, com altura média de 3-4 metros, resistente às queimadas, que produz cachos de "coquinhos" muito procurados por tucanos, periquitos, araras, papagaios e preservadas pelos pecuaristas com o fim de sombrear o pasto para descanso do gado; regionalmente denominada de bacuri).

No entanto, são nas áreas mais elevadas, mais precisamente nas nascentes dos rios Jauru e Guaporé onde observei um aumento acentuado da densidade, do desenvolvimento e da ocorrência de espécies florestais (Figueira, Branquilo, Peroba, Cedro, Mogno, Cerejeira, Ipê, Jatobá, Cabreúva, Óleo Balsamo, Fruta Pão, etc. e muitas bromélias epífitas). A toponímia próxima a essa área, atesta a presença de espécies nobres, próprias das áreas florestais do norte do Brasil (é o caso, por exemplo, do município de Araputanga).

Nessa região - de escarpas originadas do arenito Cretácico, voltadas a grosso modo, para o sul e para o noroeste, dominando as superfícies cristalinas, rebaixadas e dissecadas pelos altos cursos dos rios Juruena, Paraguai e Guaporé -, as vertentes platina e amazônica mostram contrastes quer de natureza morfológica quer de natureza vegetal. Na face voltada para a Amazônia a topografia é suave, sobressaindo os espigões mais elevados, com uma altitude média de 500 metros. No quadro botânico há um predomínio das espécies amazônicas, sobre as espécies de cerrado. Já na vertente oposta, o Planalto avança para o sul em verdadeiras lombadas, onde destacam-se cristas ponteagudas, sob a forma de chapadões alongados, cobertos com cerrado.

É, pois, uma região de contacto entre os domínios morfoclimáticos das terras baixas florestadas da Amazônia;

dos chapadões recobertos por cerrados; e do Pantanal Mato grossense.

Entré essa área de mata - interflúvio das bacias dos rios Juruena, Paraguai e Guaporé - e o domínio das terras baixas florestadas da Amazônia, propriamente, encontram-se vastas áreas de campo, de cerrados e de transição fitogeográfica, de distribuição anastomosada.

A que fatores biogeográficos se deve o estabelecimento da vegetação de mata, nessa região do espigão divisor das bacias amazônica e platina?

Estudos biogeográficos, aliados à paleogeografia, paleoclimatologia, etc. realizados nos últimos 10 anos, mostraram, que os mecanismos básicos que deram origem à complexa fauna e flora atual, não são relativamente simples como recentes:

AB'SÁBER (1977), afirma que "por ocasião do início das variações climáticas quaternárias típicas, ocorreram mudanças agressivas de processos morfogenéticos, suficientemente amplos e radicais, em algumas áreas, para derruir as paisagens estabelecidas no Terciário Superior e favorecer a expansão das novas coberturas vegetais e dos novos tecidos fisiográficos. Aos períodos de biostasia sucederam-se sempre durante o Quaternário períodos de resistasia, alternando-se portanto, sistemas morfoclimáticos de longa duração com sistemas de degradação rápida, por meio de períodos transitórios, morfogeneticamente muito ativos, ainda que de curta duração".

Essas drásticas mudanças climáticas, ocorridas ao longo de todo o Quaternário, até nossa época, alternando-se seguidamente, fases úmidas e fases secas com intensa atuação na distribuição da cobertura vegetal, provocaram retração das florestas nas fases secas, cedendo lugar para o crescimento de formações abertas, e reexpansão das florestas nas fases úmidas.

VANZOLINI, em colaboração com E.WILLIAMS (do Harvard College) em 1970, trabalhando com distribuição de lagartos, teceram um modelo geográfico para explicar a diversidade

de a nível de espécies (espécies polotípicas, superespécies, etc.), ou seja, o modelo de refúgios climáticos durante o Quaternário, que nada mais é que o ortodoxo modelo de especiação geográfica, usualmente aceito para explicar a maior parte dos casos de especiação, ou multiplicação de espécies, em fauna e flora terrestres.

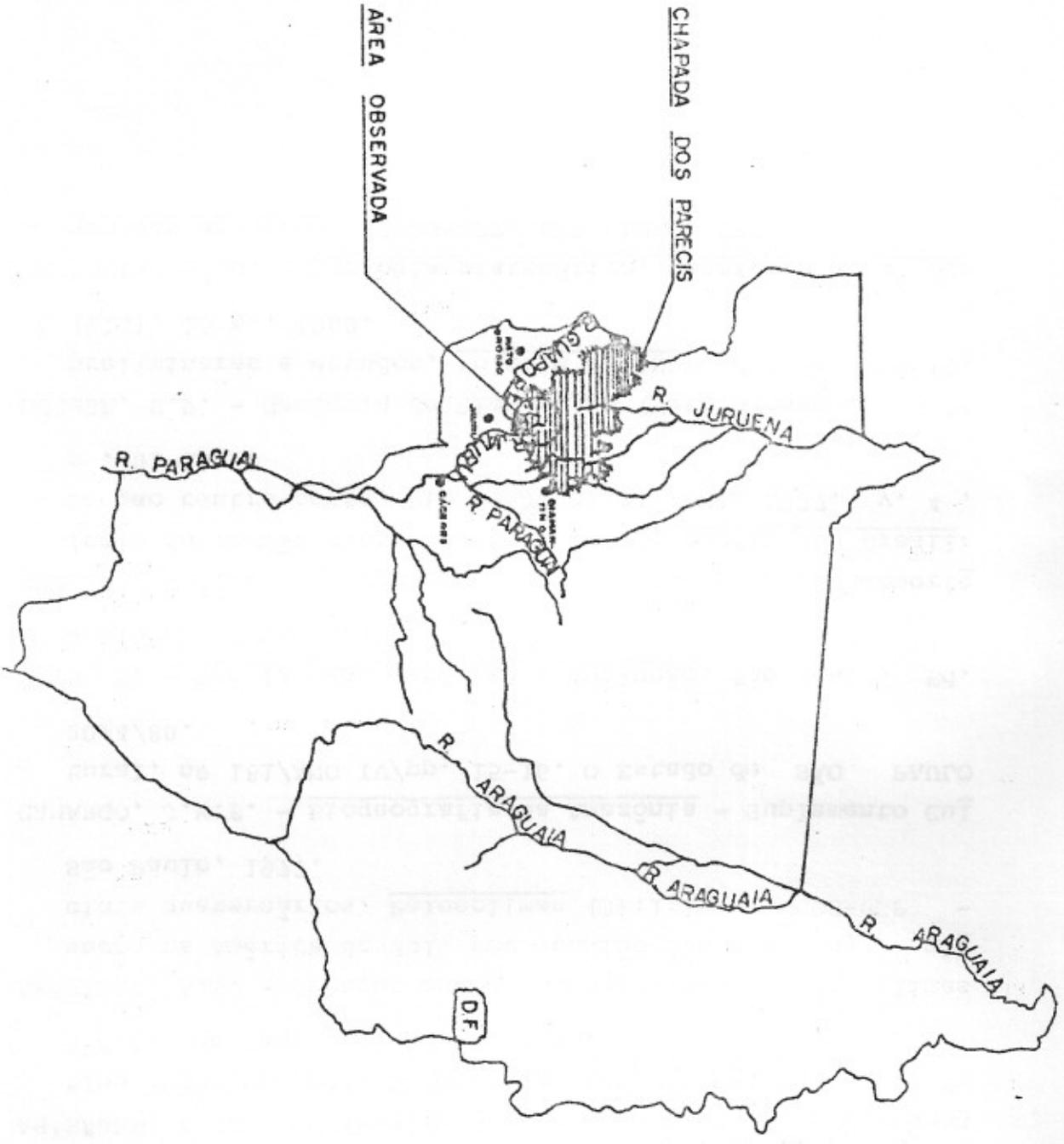
CAMARGO (1980), apoiado, nos trabalhos de AB' SÁ BER e K.S.BROWN, Jr, apresenta um mapa de como seria a paisagem morfoclimática e fitogeográfica durante o último período seco-glacial há 13.000-18.000 anos.

A localização e as características das áreas que se mantiveram florestadas pode ser melhor compreendido, pelos estudos da compartimentação topográfica, pelos enclaves florísticos residuais (por exemplo, enclaves de cactáceas no Sul do Brasil, enclaves de cerrados no seio da hiléia, que indicam uma passada continuidade com os cerrados do Brasil Central e os de Raraima e Venezuela, etc.) e, de forma indireta, pelos estudos biogeográficos.

A preservação da fauna e flora terrestre tropical durante os períodos de resistasia, só foi possível graças à preservação dos nichos ecológicos, dentro das "ilhas de ambiente tropical". De outro lado, essas "ilhas" devem ter existido nos locais, cuja topografia determinou índices pluviométricos elevados (mesmo durante as fases secas do Quaternário).

Minhas observações fitossociológicas, mostram que à medida que vai aumentando a distância, das nascentes dos rios Jauru e Guaporé, vão surgindo alterações florísticas e fisionômicas, indicadoras do afastamento do núcleo central e originário da mata aí existente.

Concluo, pois, que essa área - encostas de serrinhas e de morros - junto às nascentes dos rios Guaporé e Jauru, constitui uma "ilha de ambiente tropical", tornando viável à preservação da flora e da fauna típica desses ambientes quentes e úmidos. Posteriormente, com o retorno das condições úmidas, a biota, assim preservada, se expandiu, ocorrendo a coalescência geral.



BIBLIOGRAFIA

- AB'SÁBER, A.N. - O Planalto dos Parecis na região de Diamantino (Mato Grosso), Boletim Paulista de Geografia da A.G.B. São Paulo, 17:63-79, 1954.
- AB'SÁBER, A.N. - Espaços ocupados pela expansão dos climas secos na América do Sul, por ocasião dos períodos glaciais quaternários. Paleoclimas (3):1:19 - IGEOG-USP - São Paulo, 1977.
- CAMARGO, J.M.F. - Biogeografia da Amazônia - Suplemento Cultural, nº 181/ANO IV/pp. 15-16. O Estado de SÃO PAULO 20/4/80.
- MAYR, E. - Populações, espécies e evolução. São Paulo, Ed. Nacional, Edusp, 1977.
- MOREIRA, A.A.N. - "O conhecimento da geologia e da geomorfologia da região centro-oeste". In: Geografia do Brasil: região centro-oeste. Rio de Janeiro. IBGE, 1977. v. 4, pp. 01-33.
- SCORZA, E.P. - Geologia de Diamantino (Mato Grosso). Notas preliminares e estudos, Boletim do DNPM, Rio de Janeiro, (113), 10 p., 1960.
- VANZOLINI, p.e. - Zoologia sistemática, geografia e a origem das espécies. IGEOG-USP. SÃO PAULO, 1970.